

Publica-se nos dias
1 e 15 de cada mês

Assinaturas:
Continente e Ilhas 24\$00
Colónias 29\$00
Estrangeiro 35\$00
Pagamento adiantado
(Séries de 24 números)

A REGENERAÇÃO

AVENÇA

XXVI ANO

Fundadores: Drs. José Martinho Simões, Manuel Simões Barreiros e Prof. João António Semedo

N.º 80

Propriedade de: **Dr. Alberto Teixeira Forte**
Composto e impresso na *Tipografia Figueiroense*

Director: **Dr. Domingos Duarte**
Editor: **Dr. Alberto Teixeira Forte**

Redacção e Administração — Rua Major Neutel de Azevedo
Figueiró dos Vinhos

Um crime tenebroso

A execução de Manuel Domingues
que esteve oito anos em Moscovo

foi assassinado com três
tiros na nuca no pinhal do
Tomé, em Belas (Sintra)

No dia 5 de Maio, do ano passado, noticiaram os jornais que o jornalista Valentim Carlos, morador nas Belas, concelho de Sintra, encontrara na véspera, no pinhal do Tomé, o cadáver de um desconhecido com evidentes sinais de ter sucumbido a morte violenta.

Efectivamente, o corpo apresentava numerosos ferimentos e, pelo seu exame, o Sub delegado de Saúde, chamado ao local, deduziu que o homem tinha sido vítima de crime. As autoridades da Polícia examinaram, por sua vez, o corpo e revistaram-lhe a roupa, não encontrando nem carteira nem qualquer documento que o identificasse. Nos bolsos tinha apenas, moedas, no valor de onze escudos, e no pulso, um relógio vulgar. De baixa estatura, magro, aparentando ter cerca de trinta e cinco anos, o homem vestia fato castanho, sapatos da mesma cor, camisa creme e gravata azul com listas brancas. A pouca distância do cadáver, via-se o chapéu, de cor castanha. Em declarações, que prestou na ocasião, o jornalista Valentim disse ter visto na antevéspera quatro indivíduos — um dos quais lhe parecia a vítima — a conversar no pinhal. Tinham-se apeado pouco antes de um automóvel e os seus modos inspiraram-lhes suspeitas.

Requisitada pelo Delegado do Procurador da República na comarca de Sintra, a Polícia Judiciária de Lisboa entrou em acção.

O cadáver foi transportado do cemitério de Sintra para o Instituto de Medicina Legal, onde foi autopsiado no dia 7. Verificaram os peritos que o desconhecido — pois nesta data ainda não tinha sido identifica-

do — fora assassinado com quatro tiros de revólver ou pistola, calibre 9 (arma de guerra), disparados à distância máxima de 50 centímetros, «três na nuca», e um do lado no temporal esquerdo, de cima para baixo, e que saiu pelo queixo.

O exame da boca revelou a existência de um trabalho de prótese feito no estrangeiro, isto é, segundo técnica não usada em Portugal. Verificou-se, ainda, uma cicatriz indicativa de recente operação ao estômago.

No dia seguinte, apareceu no Instituto uma senhora, que julgou reconhecer no morto um indivíduo que tinha conhecido em Paris. Ficou de voltar no dia seguinte, mas não apareceu nesse dia.

As investigações da Polícia Judiciária, em 9 de Maio, não tinham apurado nada de positivo, nem se quer a identidade do homem. Seguiam a pista de um automóvel preto, cujos ocupantes estiveram numa confeitaria da Idanha. O dono desta notou a elevada estatura de um deles.

No dia 9, a senhora, que julgou reconhecer o morto, voltou ao Instituto e declarou-se equivocada. Correram-se as fichas do Arquivo de Registo Criminal e Policial e não se encontraram sinais das impressões digitais que se recolheram no cadáver. No dia 10, os jornais diziam nada se saber acerca da vítima «de um dos mais tenebrosos crimes dos últimos tempos». Só alguns dias depois e ao que presumimos por indicação de pessoa que guardou o anonimato, a Polícia soube tratar-se de Manuel Domingues. Como tal, foi reconhecido por parentes residentes na Marinha Grande. Os investigadores procuraram obter declarações des-

Colónia Balnear da Casa de Beneficência

Seguiu, no passado dia 10 para a Figueira da Foz o 2.º turno da Colónia Balnear Infantil da Casa de Beneficência, constituído por raparigas.

As crianças foram conduzidas num dos autocarros da conceituada empresa local Manuel Simões Barreiros & Irmão, tendo sido acompanhado pelo membro da Comissão Instaladora daquela Casa, sr. Sebastião da Costa Trancoso.

No mesmo dia regressou o 1.º turno da mesma Colónia, que se encontrava na praia desde 20 de Julho.

José Simões Sousa e Silva

A passar alguns dias junto de sua família, acompanhado de sua ex.ª esposa e filhinha, esteve nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. José Simões e Silva, 1.º Sargento Mecânico, em Santarém.

Berthelím Simões da Silva

De visita a sua família, encontra-se entre nós, o distinto Funcionário na capital, sr. Berthelím Simões da Silva, gozando uns dias de licença.

Alcides de Oliveira

De S. Tomé, chegou a esta Vila o sr. Alcides de Oliveira, que vem passar uns meses junto de sua extremosa Mãe, Senhora D. Aurélia de Jesus de Oliveira.

tes qualquer elemento útil para a descoberta dos criminosos (tudo indica que é mais do que um), mas os interrogados nada adiantaram: desde 1934 que não o viam, nem dele tinham notícias. E as diligências policiais caíram em ponto morto. Mais de um ano se passou, desde então aos presente e, entretanto, reconstituiu-se a vida do homem no prazo que decorre de 1934 até à altura em que o assassinaram. Foi um trabalho paciente, meticoloso, feito pela polícia especializada em actividades subversivas. Trata-se efectivamente, de Manuel Domingues, operário vidreiro na Marinha Grande e, desde 1930, filiado no Partido Comunista. Em Janeiro de 1934, o Partido preparou e desencadeou um movimento subversivo, com características graves, contra a fundação dos sindicatos nacionais de trabalhadores, que a todo o custo pretendeu evitar, mobilizando todas as suas forças para impedir o que cha-

(Continua na 4.ª página)

Mais um valioso donativo para a Casa de Beneficência

Um outro para a Santa Casa
da Misericórdia desta Vila

Uma generosa gratificação para os empregados
que trabalham na composição deste Jornal

Foi por intermédio do sr. Manuel Carvalho, do lugar da Lavandreira, que recebemos dos srs. Carlos dos Santos e João dos Santos, naturais do Vale de Joanas e residentes em S. Paulo Brasil, nossos prezados assinantes, a avultada quantia de Mil escudos, como seu donativo à Casa de Beneficência, sendo 500\$00 destinados especialmente à Cantina Escolar, que, nesta vila foi criada e está a ser mantida por aquela Instituição, e que os referidos benfeitores tanto apreciam e admiram.

Ao mesmo tempo os srs. Carlos dos Santos e João dos Santos, ofereceram ao pessoal, que trabalha na composição de A Regeneração, de que são muito queridos assinantes a apreciável quantia de 500\$00, que também recebemos por intermédio do mesmo sr. Manuel Carvalho.

Em nome do Casa de Beneficência, em especial em nome das criancinhas beneficiadas com tão generosa oferta, em nome também dos que trabalham na composição deste jornal, em que tão generosamente foram contemplados por aqueles dois nossos queridos conterrâneos, aqui expressamos a mais profunda e sincera gratidão.

Fomos informados de que aqueles nossos assinantes além das ofertas referidas mandaram também entregar à Santa Casa da Misericórdia desta vila, um outro avultado donativo, no montante de 500\$00.

Trata-se, assim de mais uma manifestação de generosidade, de caridade, de grandeza de almas, que vindo de terras da Nação Irmã, nos revela bem que Figueiró e os seus pobres não são ali esquecidos.

Belos exemplos, que com prazer aqui registamos com o testemunho da nossa maior admiração.

Esta Vida... em dois contos

É o título de uma interessante publicação, que acaba de publicar-se, e que é da autoria do sr. Carlos Alberto Alexandre Pinto, muito distinto funcionário judicial, residente nesta Vila.

A referida obra é constituída por dois contos, em que o seu autor nos descreve episódios da vida quotidiana, em vista a lamentar as faltas dos necessitados.

Os que podem aos que necessitam, eis a tese, que em estilo elevado e ao mesmo tempo acessível e agradável, é defendida nos dois contos.

Não só por imperativo de consciência do seu autor, que se sente feliz, contribuindo para minurar as faltas dos mais humildes, mas também pela própria coerência da tese defendida na obra, parte do produto da venda desta reverterá em benefício dos pobres deste Concelho.

Tal circunstância, aliada ao valor literário da publicação impôs a todos os bons figueiroenses a sua aquisição da lo que, assim, contribuirão, de certo modo, para minurar as faltas dos pobres desta terra

Mais um saldo positivo

47.360 contos

“Em plena conformidade com a lei constitucional e as leis financeiras, de harmonia com a praxe solidamente estabelecida, a qual se repete agora pela vigésima terceira vez, prestam-se contas da execução do Orçamento de 1951, num prazo curto, apenas separado por alguns meses do final da gestão.”

Com estas palavras—síntese da Doutrina e da Administração portuguesas—abre o Ministro das Finanças, sr. dr. Aguedo de Oliveira o relatório das contas públicas de 1951.

Mais uma vez o Governo presta contas ao País. E se é difícil nos tempos que correm, prever, mais difícil é executar com segurança, realizando a política orçamental com pontualidade e justiça—como é já tradição em Portugal.

O público avaliará pelos números gerais e panorama contabilista da vida do Estado, sobre o qual recairá também o parecer do tribunal de Contas e da Assembleia Nacional.

O clima económico geral onde evoluíram as finanças públicas caracterizou-se por uma tendência alista derivada do esforço de rearmamento e da execução psicológica, provocou desajustamentos e desconexões que determinam por sua vez, uma flutuação de política financeira e comercial em larga escala.

Daf que «também até nós chegaram inquietações e alarmes, também para nós resultou caro e adicional, e, o pior de tudo, improdutivo o esforço de rearmamento, mas a economia pública, ora beneficiada ora prejudicada, pelos efeitos da conjuntura, encontrou aqui nova atmosfera de calma para ulterior desenvolvimento, permanecendo no que apresenta como independente e autónomo, mas sem querer ou mostrar-se alheia ou indifferente na sua condição».

Num terceiro capítulo, o Ministro das Finanças dá justo realce ao equilíbrio orçamental, base fundamental da vida financeira portuguesa e que, uma vez alicerçada por Salazar, sempre tem sido devidamente mantida.

Do seu princípio resultou que a conta apresenta o seguinte balanço final:

Arrecadaram-se de receitas ordinárias	5.527.190.213\$03
Utilizaram-se de receitas extraordinárias	125.548.591\$80
Total das receitas gerais	5.652.738.804\$83
Gastaram-se em: Despesas ordinárias	4.370.027.592\$90
Despesas extraordinárias	1.285.350.837\$50
Total das despesas	5.652.378.430\$40

Apresentando o excesso das receitas gerais sobre as despesas gerais do Estado o saldo efectivo de 47.360.374\$43.

As receitas ordinárias, graças ao progresso económico geral do País subiram 701,7 milhares de contos em relação a 1950. Todos os impostos, — directos, indirectos e especiais — sem ferir a justiça fiscal, tiveram uma apreciável subida; e somados às taxas atingem 83 por

cento do total das receitas ordinárias.

Siguidamente o relatório mostra como a despesa ordinária foi seguramente coberta com receita ordinária. E do confronto entre a despesa de 1950 com a de 1951 verifica-se que incidiu especialmente nos sectores da segurança, assistência e comunicações.

Quanto à despesa extraordinária, o seu aumento foi especialmente determinado por despesas de fomento: a diferença geral, para mais, em relação a 1950, foi de 154,3 milhares de contos e a de fomento acusa uma diferença, para mais, de 162,4 milhares de contos.

A dívida pública manteve-se num plano de estabilidade e segurança; a dívida flutuante, como vem sucedendo desde 1928, não foi utilizada para cobrir necessidades do Tesouro, pois este manteve sempre folgas suficientes para garantir os pagamentos rigorosamente em dia.

A circulação fiduciária passou de 8.526 milhares de contos para 9.362 no decurso de 1951, especialmente motivada pela entrada de reservas em ouro e divisas.

Mas «O Estado,—frisa o Ministro das Finanças,—aumentando as disponibilidades na sua conta corrente, e o sistema bancário, reforçando a sua posição de caixa sob a forma de depósitos no Banco de Portugal, constituíram os principais elementos neutralizadores do aumento da circulação». E acrescenta: «As reservas do banco emissor foram solidamente mantidas, acentuando-se a tendência anterior para o reforço, nunca se perdendo de vista a rigorosa disciplina a tal respeito prevista na lei». E tanto as reservas para a circulação fiduciária e outras responsabilidades à vista como as reservas constituídas por barras ou moedas de ouro, excediam substancialmente a percentagem legal.

O sistema bancário apresenta, igualmente, bases de confiança e solidez.

Quanto ao comércio externo e balança de pagamentos, vêm melhorando desde o segundo semestre de 1950. O relatório refere que foi negativo o saldo da balança comercial em 1.906 mil contos mas acentua que, para o ano de 1950 e em relação às províncias ultramarinas a balança comercial se apresenta equilibrada, quando no ano anterior o saldo negativo foi de 370 mil contos. E quanto ao ano de 1951, Angola e Moçambique tiveram um saldo positivo de 200 mil contos.

Também a balança de pagamentos apresenta um saldo positivo do montante de 2.268 milhões de escudos, superior em cerca de 1,738 milhões ao do ano anterior, saldo para que muito tem contribuído — acentua o relatório — a partir de meados de 1950, «a evolução favorável do comércio da Metrópole e do Ultramar, desta vez associada a um avalado saldo dos invisíveis, que não só cobre e deficit das balanças comerciais, como permite ainda a obtenção de um superavit de 2.268.»

Depois de referir que a ajuda Marshall e o Fundo de Fomento Nacional movimentaram 933.569 contos, o Senhor Doutor Aguedo de Oliveira condensa as suas conclusões

Notícias da Graça

Donativo para a Residência Paroquial

A Ex.^{ma} Sra. D. Maria d'Assunção, natural de Casal dos Ferreiros — Graça, e residente em Rio de Janeiro há muitos anos, enviou a quantia de 500\$00 escudos para auxiliar a projectada reparação da residência paroquial da Graça. O Pároco da Graça agradece com profundo reconhecimento a bondosa benfeitoria a sua tão generosa oferta, e pede aos naturais desta freguesia, ausentes nas Colónias ou em países estrangeiros e que ainda conservam amor à sua terra natal, a fineza de auxiliarem as obras da tão necessitada reconstrução da velha e secular casa paroquial da Graça, a qual está inabitável e ameaça ruínas.

Exames de 2.º grau

Da escola masculina desta sede fizeram exame do 2.º grau os 6 alunos — António Conceição Mendes, António David Fernandes, David Graça e Silva, Dionísio da Conceição David José, João do Carmo e Silva e Joaquim Coelho Nunes, e foram todos aprovados, estando de parabéns com sua Ex.^{ma} Professora a sra. D. Maria Cândida Lages.

Da escola feminina desta sede foram a exame 4 alunos, tendo apenas fadado uma adiada ou reprovada.

Em Férias

Já se encontram em gozo de férias grandes os Seminaristas Aníbal Costa Henriques, de Nodrinho e Joaquim Serra, dos Covais, alunos de 2.º e 6.º anos, nos Seminários de Figueira da Foz e Coimbra.

Notícias de Aguda

Chegam, do lugar do Cercal da freguesia de Aguda, informações alarmantes a respeito da água do fontenário que ali existe.

Apareceram agora vários casos de doenças intestinais que se atribuem, e parece que com muita razão, às águas daquele fontenário.

Oxalá as Ex.^{mas} autoridades concelhias, tomem com urgência, as medidas que o caso requer.

sões de ordem financeira e de ordem política. O ilustre titular da pasta das Finanças alicenta os princípios que orientam a sua acção e levaram aos resultados alcançados — disciplina administrativa, compreensivo sacrifício do País, estabilidade financeira, evolução das despesas ordinárias, segurança da dívida pública, reforço da emissão e da ga antiga, intensificação do comércio, melhoria da balança de pagamentos, moeda forte, etc., conjunto indispensável e seguro da confiança.

Finalmente, presta homenagem ao Marechal Carmona, Chefe do Estado falecido na vigência da Conta agora apresentada e que presidiu à restauração financeira do País; recorda os 150 anos, recentemente celebrados, do Ministério que dirige «no meio dos trabalhos e preocupação antigas, na certeza dos princípios clássicos, mas no rigor das técnicas actuais»; e termina por uma justa palavra a Salazar, escrevendo: «Debaixo da mão da providência, atrás de alguns longos anos consumidos pelo Ministério, das horas inquietas e escuras, dos períodos vividos no desafogo e já na grandza está aquele que foi mola real do que se architectou financeira e socialmente para sublimar o país que nos deu o ser e cuja história é nossa.»

Este jornal foi visado pela Censura

Daquém Trevim

Hospital Reparação

Viscondes da Nova Granada

Depois das reuniões da Mesa da Misericórdia desta vila e da Comissão encarregada da construção do Asilo de Velhos e Laválidos, esperava-se a todo o momento a vinda do sr. Director da Comissão das Construções Hospitalares, sr. Eng.º Maçãs Fernandes, para proceder à escolha de terreno mais apropriado para a construção do novo hospital que, consoante está mais ou menos acordado, se chamará Hospital Viscondes de Nova Granada, como homenagem aos ilustres beneméritos que em 1900 mandaram proceder à construção do Hospital de São José desta vila.

Finalmente, no dia 12, deslocou-se a esta vila o sr. Eng.º Maçãs Fernandes que, com os membros da Mesa da Misericórdia, Presidente da Câmara, dos Grémios dos Industriais de Lanifícios e do Comércio, Médicos e outras pessoas de representação, foram visitar diversos terrenos que antes tinham sido dados como aproveitáveis. Segundo nos consta, o que mais requisitos apresentou, foi um terreno localizado junto ao Bairro Operário, para o sul, junto ao ramal que vai para a Retorta.

Quanto a nós, parece-nos que não poderia ser feita melhor escolha, se na verdade este terreno merecer plena aprovação superior e isto porque além da sua óptima localização, será mais um motivo de moderna urbanização da vila e como fica logo à entrada desta, muito virá a concorrer para uma boa impressão a colher pelas pessoas que tenham de nos visitar.

Com a construção do Hospital novo, que será de tipo oficial e regional, passará o actual Hospital, depois da correspondente adaptação como está acertado, a funcionar como Asilo, sob a invocação de São José.

Futuramente, ainda dentro do plano estabelecido, quer o Hospital Viscondes de Nova Granada, quer o Asilo de S. José, ficarão sob a direcção da Mesa da Misericórdia de Castanheira de Pera.

Oxalá que esta Obra de grande interesse social e em benefício dos pobres deste concelho venha a ter uma rápida realização.

Casa da Criança

Rainha D. Leonor

Estão quase terminadas as obras de ampliação da Casa da Criança e, pelo que nos é dado ver, ficarão, bastante interessantes, dando um novo aspecto ao edifício, justificando o interesse dos nossos visitantes em o verem em detalhe. Entretanto as crianças estão instaladas no pavilhão destinado a internato, onde se encontram esplendidamente.



comida sã, para pessoas sãs
CASTANHEIRA DE PERA

Estrada de Figueiró

Está quase a receber a última camada de alcatrão a estrada para Figueiró no pequeno lance que foi reconstruído de novo à saída da vila e pelo que vimos vai ficar obra perfeita. A sua continuação até Figueiró vai fazer-se no próximo ano, segundo está anunciado já no plano de trabalhos e que representará importante melhoramento para ambas as vilas.

Abastecimento de água

Consta ter sido dada mais uma participação para estes serviços que contudo continuam ainda de execução demorada.

Festas e Romarias

Festa de S. Domingos

Teve lugar no passado dia 4 a festa anual em honra de S. Domingos que é a tradicional festa da Comunhão das crianças do concelho.

Este ano, como não tínhamos visto em qualquer outro, ela teve grande brilhantismo.

Reviveu-se a tradicional apresentação das fogueiras com os seus tabuleiros tipicamente ornamentados e este ano o seu número foi superior a vinte.

A precissão, foi primorosa, quer pela sua ordem, quer pelo número de pessoas nela incorporadas e regularmente di-postas.

As varas do Pálio vimos pessoas de mais alta apresentação como, o sr. Subsecretário do Exército, Major Sá Viana Rebelo, dr. Abreu Mesquita, Meríssimo Juiz em Lisboa, sr. António Bóiano, Director da Imprensa Nacional, Presidente da Câmara, dr. Ernesto Marreca David, sr. Eduardo Correia, professor primário e o sr. Armindo Fernandes, industrial.

Na parte religiosa celebraram, além dos párocos da vila, os de Figueiró dos Vinhos, Pedrógão Grande, Vila Facaia e Gois e ainda o Senhor Cônego Amado, Prof. do Seminário de Coimbra que foi o orador.

Foi incansável na organização da festa o actual Ritor desta vila Reverendo Padre Arménio Marques e merece parabéns pela maneira como tudo decorreu.

A tarde, antes da precissão houve a venda de fogaças e kermesse e à noite foi quimado um fogo de artifício que a todos agradou.

Festa do Coentral

No dia 15 realizar-se-á a festa anual na freguesia do Coentral Grande, em honra da Senhora da Nazaré sendo abrilhantada pela Filarmónica Castanheirense.

Festa da Sapateira

A festa anual da Sapateira que chegou a ser a de maior lustro deste concelho vai realizar-se no dia 17, e os mordomos estão resolvidos a proporcionar-lhe o melhor brilho. É a Filarmónica Castanheirense que a abrilhantará, como de costume.

Annúciat em A Regeneração

Aniversários

Fazem anos na presente quinzena os nossos conterrâneos:

Hoje — Menino António Manuel dos Santos Martinho, filhito do nosso prezado assinante sr. António da Silva Martinho, desta vila;

— Sr. Artur dos Santos Mateus, nosso prezado assinante residente nesta vila;

— Maria da Graça da Conceição Agria, esposa dedicada do nosso prezado assinante sr. João Baptista ausente em Lisboa;

— Sr.ª D. Faustina da Conceição esposa do sr. Manuel Dias Agria desta vila;

— José Sadi Almeida Rijo, filho do nosso prezado assinante sr. Manuel da Silva Rijo, desta vila;

Em 16 — Sr. Jacinto M. Antunes, distinto aspirante de Finanças na Sertã e nosso prezado assinante;

Em 17 — Sr.ª Maria do Carmo Nunes Ferreira, dedicada esposa do nosso prezado assinante sr. António Ferreira da Silva residente em S. Tomé;

Em 18 — D. Maria Diamantina Cândida Kocha, esposa do nosso prezado amigo sr. Alberto Godinho Lopes de Matos, ausente em Africa;

— Sr. Renato Luis Carvalho Sequeira Azevedo, nosso prezado amigo;

— Sr. Vasco Passos da Silva, nosso prezado assinante residente nesta vila;

Em 19 — D. Maria Emília Violante de Almeida, esposa do nosso prezado assinante sr. Adelino de Almeida, desta vila;

— Menina Judite de Almeida Oliveira filha do nosso prezado assinante sr. Luís Mendes de Oliveira, desta vila;

Em 20 — Menina Alexandrina Paiva David, desta vila.

— D. Estefânea Leitão Mendes, desta vila;

Em 21 — Sr. Cassiano dos Santos Abreu nosso prezado amigo residente em Santos;

Em 23 — Sr. Manuel Morais Antunes, nosso prezado assinante, ausente em Africa;

— Menina Maria Isabel da Silva Portela extremosa filha do nosso prezado assinante sr. Manuel Valeiras Portela desta vila;

Em 24 — D. Maria Helena Henriques Pinhão Duarte, esposa do nosso prezado assinante sr. José de Calasans Duarte, distinto Secretário de Finanças em Oliveira de Azeméis;

— Sr. João de Almeida, nosso prezado assinante e residente em Castanheira de Figueiró;

Em 25 — Sr.ª D. Aurélia Benfices Diniz Castela, dedicada esposa do nosso prezado assinante, sr. Sebastião da Silva Castela;

Em 29 — Menino Ernesto da Silva Rosalino, filho do sr. José da Silva Rosalino desta vila;

Em 30 — Dr. Manuel Denis Herdade;

— D. Maria Lacerda Almeida, esposa dedicada do nosso prezado assinante sr. Manuel Pláude residente no Brasil;

— Menino Vitor Manuel Arinto Libório Marques, filhito do nosso prezado amigo, sr. Fernando Libório Marques, desta vila;

— Menina Lourdes Ferreira da Silva, extremosa filha do nosso prezado assinante sr. José da Silva Neto, residente em Santos-Brasil.

PELA REDACÇÃO

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção, o nosso prezado assinante sr. Manuel Carvalho, da Quinta do Mouchão — Lavandeira, que pagou a assinatura do sr. João dos Santos, de S. Poul — Brasil nosso prezado assinante,

— Pelo sr. Anselmo Godinho do Val do Salgueiro, que pagou na nossa Redacção a assinatura de seu irmão sr. Manuel Godinho Júnior, nosso prezado assinante de Santos

— Brasil — Inscrevendo-se ao mesmo tempo nosso assinante.

— Igualmente cumprimentámos na nossa Redacção, o nosso prezado assinante sr. Firmino Vitorino, das Bairradas, que pagou a sua assinatura.

— Pelo sr. António Marques Alves, de Almofala de Baixo, foi-nos paga a assinatura de seu cunhado sr. Manuel Jorge, nosso prezado assinante, residente em Guiné Portuguesa.

— Falecimento

Faleceu no dia 12 do corrente, em Almofala de Cima, o sr. António Jorge, com 81 anos de idade; era pai do nosso prezado assinante residente na Guiné sr. Manuel Jorge, António e Cecília Jorge.

O seu funeral foi muito concorrido, tendo sido sepultado para o cemitério de Aguda.

TERRABELA-HOTEL

Um dos melhores da Província

Instalações Modernas
ótimos serviços de:

Bar - Café - Restaurante

Serviços de

Casamentos

e Baptizados

Preços especiais

Figueiró dos Vinhos

VAIA LISBOA?

Procure a Pensão

Casa de S. João

Avenida da Liberdade 240-3.º Telef. 49.638

O'ptimo tratamento — Preços módicos — Tem elevador e águas correntes — Descontos para grandes estadias 12-4

Quer tirar a Carta?

Se deseja aprender a conduzir automóvel dirija-se ao instrutor

Amaral Pereira

Ex mecânico da aviação Americana, onde pode aprender por lições ou por contrato, mecânica e pontos escritos grátis.

Paragem: — Pastelaria Raio de Luz — R. António Pereira Carrilho, 1 B. — Telef. 49150 (a Praça do Chile)

Residência: — Avenida Rio de Janeiro, 46 3.º D.º
Alvalade — Lisboa 12 12

LUSALITE

Canalizações de alta e baixa pressão, chapas onduladas para coberturas, chapas lisas para forrar tectos, depósitos, cauleiras e algerozes para água Colmeias, vasos e floreiras. Cimento Liz, Cal Idráulica Martingança, ferro, ferragens, pregaria estafe, e gesso — Material para casas de banho — Banheiras, lavatórios sanitas, bidets, mosaicos e azulejos Manilhas de grês, tubos de ferro galvanizado e acessórios, tintas, óleos e vernizes. Telha, teijolo e adubos.

Anibal Silveira Herdade

Figueiró dos Vinhos

Telef. 43

Anúncio

Comarca de Ancião

Éditos de 20 dias

2.ª Publicação

Faz-se público que pelo Juízo de Direito da Comarca de Ancião e secção da respectiva Secretaria, nos autos de execução de sentença que a Aliança de Lanifícios, Limitada, Sociedade Comercial com sede no lugar e freguesia do Avelar, desta Comarca move contra Joaquim Matias Pereira e mulher D. Lucrecia Pereira, ele comerciante e ela doméstica, residentes em Monforte, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do a executados, para no prazo de dez dias, findo o dos éditos deduzirem os seus direitos na

mesma execução.

Ancião, 11 de Julho de 1952,
O Chefe da Secção,
António Simões Ferreira Pena
Verifiquei:
O Juiz de Direito
João Correia Ramalho
Jornal «A Renovação» n.º 810 de 15 de Agosto de 1952

Opel Olympia de 1949

Vende-se pintado de novo e óptima mecânica. Informa Farmácia Correia Figueiró dos Vinhos

Vende-se Uma casa com quintal sita ao Barreiro. Nesta Redacção se diz.

mesma execução.

CARREIRA DIARIA DE PASSAGEIROS

BOLO-LISBOA

Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Concessionário: **Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.ª**

Sede — FIGUEIRO DOS VINHOS — Telefone 42

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pera	6,20	6,15	Sacavém	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,26	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	25,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavém	14,20	14,20	Castanheira de Pera	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Efectua-se diariamente

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Bolo	—	17,50
Bolo	5,55	—	Coentral	18,05	—

Efectua-se às sextas feiras

Carreira entre Campelo e Figueiró dos Vinhos

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Campelo	—	5,40	Figueiró dos Vinhos	—	17,00
Pontão Fundeiro	5,48	5,49	Barraca da B. Vista	17,14	17,15
Aldeia Fundeira	5,53	5,54	Várzeas	17,19	17,20
Vilas de Pedro	5,58	5,59	Vila Faeia	17,24	17,26
Alto da Alagoa	6,08	6,08	Moleiros	17,28	17,29
Moleiros	6,14	6,12	Alto da Alagoa	17,32	17,32
Vila Faeia	6,11	6,16	Vilas de Pedro	17,41	17,42
Várzeas	6,20	6,21	Aldeia Fundeira	17,46	17,47
Barraca da B. Vista	6,25	6,26	Pontão Fundeiro	17,51	17,25
Figueiró dos Vinhos	6,40	—	Campelo	18,00	—

Efectuam-se às 4.ª feiras e sábados

Estacionamentos | Campelo — Largo da Igreja
F. dos Vinhos — R. Dr. Manuel Simões Barreiros
Garagem em Lisboa — Auto Liz — Rua da Palma N.º 263 — Tel. 21363

Senhores Lavradores!!!

Quereis Batatas sãs durante todo o ano?

Aplicai os produtos: **SCHERING**

Karsan, — evita o apodrecimento da batata.

Bikartol, — evita o apodrecimento e o grelar da batata.

Depositários: — João Ferreira Pinho & Filhos, L.ª — TOMAR

Agentes:

Anibal Silveira Herdade

José Coelho Júnior

Sociedade Comercial Pedroguesa, L.ª

Figueiró dos Vinhos

Castanheira de Pera

Pedrogão Grande

3-3

MULTOCID "SCHERING"

Comprimidos fumicidas ideais para a exterminação de moscas, mosquitos, traças, baratas, insectos das bibliotecas, pulgões das plantas, etc.

Para a sua aplicação basta um fósforo.

VERINDAL - CASEIRO

Super-poderoso pó para usos domésticos, contra pulgas, persevejos, baratas, carraças, etc.

Não tem mau cheiro.

Descontos aos revendedores

Depositários: — João Ferreira Pinho & Filhos, L.ª — TOMAR

Agentes:

Anibal da Silveira Herdade

José Coelho Júnior

Sociedade Comercial Pedroguesa, L.ª

Figueiró dos Vinhos

Castanheira de Pera

Pedrogão Grande

3-3

Um crime tenebroso

Continuação da 1.ª página

mou a «fascistização dos sindicatos livres». Foi na Marinha Grande que o movimento teve as suas maiores repercussões e na origem desta coube a principal tarefa a Manuel Domingues. As autoridades intervieram energeticamente e a ordem foi restabelecida.

Manuel Domingues passou a Espanha — com nome falso, evidentemente — e de lá, amparado pelas organizações comunistas, atravessou a Europa Central e foi parar à Rússia.

Aqui frequentou, no Instituto Marx-Engels-Lénine, um curso para doutrinação de Agentes estrangeiros e, oito anos depois, regressou a Portugal, onde entrou clandestinamente e sempre com nome falso — já se vê — no ano de 1942. As credenciais que trazia eram de tal significado que, logo a seguir, ascendeu na hierarquia do Partido a membro do «Comité» Central, isto é, ao lugar de um dos três que dirigem as actividades da seita. Passou a usar o pseudónimo de «Luís». Cabia-lhe a missão de vigiar as tipografias do Partido e neste posto se manteve até Abril de 1949. Em determinado dia desse mês, a Polícia assaltou e apreendeu a tipografia de Coimbra, onde era impresso o «Avante», órgão do Partido, e onde foram encontrados documentos de carácter sensacional sobre as suas actividades.

Os restantes membros do «Comité» Central convocaram-no para fazer a «auto-crítica das suas responsabilidades no desastre — segundo a própria linguagem da seita.

«Luís» procurou justificar-se, mas os outros não aceitaram as suas explicações e puseram-no em observação. «Luís», que há anos sofria de uma úlcera no estômago, sentiu-se piorar de dia para dia. Teve de ser operado e o Partido mexeu os seus cordeis para o homem ser tratado nos hospitais da Universidade de Coimbra com um nome de empréstimo. Voltou à actividade e nas duas ou três reuniões do «Comité», a que compareceu, é acusado de, pelas suas justificações, demonstrar perigosos desvios da «linha política» e é rebaldado de categoria para a de simples funcionário. Nesta qualidade é colocado no «Comité» local de Lisboa, no ano de 1950. E começou a viver as dramáticas, trágicas horas de um homem que vai ser condenado à morte e sabe-o com a certeza de que não há apelo para a sentença inexorável. Debruçou-se sobre o leito do filho pequenino, com o terrível segredo que nem à companheira confiou, e no seu desvelo por ele, buscou inspirar-se para a salvação impossível. Cumpria as suas obrigações no «Comité» de Lisboa, mas o «Comité» Central acusava-o de render pouco o seu trabalho. Foi preso um elemento da organização do Partido em Lisboa e os algozes do «Comité» lançaram-lhe em rosto a acusação de ser um agente provocador, em combinações com a Polícia, que

ignorava nessa altura totalmente a sua existência em Portugal.

«Luís» tentou defender-se, acumulou argumentos sobre argumentos, invocou os títulos de um largo estágio na Rússia. Em vão. Desesperado, sentindo aproximar-se rapidamente a hora da execução, tentou um último recurso: procura os membros do «Comité» Central e exproba-os pela perseguição que lhe movem e remata, angustiado, jogando a última cartada: — «V. V. não me querem: então eu vou-me embora».

O «Comité» não lhe deu resposta, «Luís», voltou para a sua casinha nos arredores de Lisboa. Tal como um caminhante perdido no deserto, delira com a imagem de uma vida tranquila ao lado da companheira e do filho. Abandonará o Partido, regressará na vida do comum das gentes, com o seu nome e a sua qualidade. Talvez a Polícia o prendesse, mas um dia voltaria ao seu lar, livre, a fim de trabalhar para o seu filho, vê-lo crescer, fazer-se um homem.

Acordou destas ilusões e caiu na realidade. Está cercado de feridas tão próximas dele, que já lhes sente o hálito. Pensa em fugir. Mas para onde? Como? Se volta à Marinha Grande, é rapidamente localizado. Se vai para outra terra, o Partido o descobriria pelos seus agentes. Fugir não, que era apressar a morte. Talvez o «Comité» reflectisse sobre os seus altos títulos partidários, ganhos na Rússia. E neste debate de enlouquecer, as horas iam passando. Chega uma mensagem: «Comparece no local X para conversarmos».

— Sim, eles devem ter reflectido — pensaria — Então eu, que dirigi o Partido, ia ser sacrificado? Eu preciso de viver para o meu filho e para a minha companheira.

Olhou o menino com infinita ternura e saiu. No dia seguinte foi encontrado morto, com três balas na nuca (à maneira russa) e uma num temporal.

Lê-se no número 67 de «O Militante», «boletim da organização do P. Comunista Português», destinado aos funcionários e recentemente apreendido pela Polícia:

«Intensifiquemos a vigilância revolucionária!

«Foi esse afrouxamento de vigilância revolucionária que tornou possível a existência dentro do Partido de traidores como Manuel Domingues (conhecido pelos pseudónimos de Luís, Amaro, Amorim, Pontes, Sá, Sousa e Pinto) de Mário Mesquita, Augusto Sequeira, Carlos Gaspar, José Mendonça, Bernardino e outros. O traidor Manuel Domingues, cujas actividades no estrangeiro, durante a guerra, o Partido ignorava conseguiu infiltrar-se no Partido e aqui desenvolver actividades e espionagem e provocação. Este traidor ligou a o Partido indivíduos expulsos por

Pensamentos de Alexis Carrel

1.º

A enorme desordem da hora presente é devida, simultaneamente, a uma crise de inteligência e a uma crise moral. Os homens mais não fazem do que procurar o homem que imponha o silêncio aos cantos das sereias e impeça o naufrágio do navio.

2.º

A persistência da personalidade é uma necessidade do ser humano, como a do amor e da beleza.

3.º

O egoísmo isola o indivíduo de todos os outros, fragmenta a sociedade, esteriliza qualquer tentativa de trabalho colectivo, desarticula a família, o agrupamento profissional, a aldeia, a cidade, a nação.

4.º

Vale infinitamente mais o conhecermos a arte de viver com o nosso semelhante, sem disputarmos, sem discutirmos, sem nos caluniar e nos odiarmos, do que o sabermos a geografia das ilhas do Oceano Pacífico, a história da arte egípcia, ou a álgebra.

5.º

Que é uma nação? É o vivo desejo de um povo para viver em comum. A divisão entre os indivíduos e os grupos de indivíduos torna impossível a vida nacional.

6.º

Os homens com o encargo da direcção, não apenas da política, mas também da educação e da saúde devem ser espíritos universalistas, em largo contacto com a vida.

(Fragmentos dum Diário)

Compilação de Manuel Dinis Herdade

Nova Professora

Com óptima classificação concluiu o curso de Magistério Primário, na Escola Superior do Magistério, em Vila Real, a sr.ª D. Maria José Lopes Teixeira, filha do sr. Fernando Gomes da Silva Teixeira, nosso prezado assinante do Casal de S. Simão, freguesia de Aguda deste concelho.

mau porte na Polícia e fazia delles referências elogiosas. A o mesmo tempo minava a unidade do Partido e fazia referências malévolas e caluniosas à direcção do Partido. Sem descartar erros e faltas conspirativas graves de vários camaradas presos, o C. Central tem hoje provas concretas que lhe permitem concluir que a prisão dos camaradas Alvaro Cunhal, Militão Ribeiro, e de outros camaradas do C. C. e funcionários que se encontravam a ferros do fascismo e foram presos entre 1949 e 1951, a prisão e o assassinio (III) de José Moreira, assim como o assalto e a apreensão de duas tipografias do Partido têm origem na acção desses traidores, mas principalmente na do celerado Manuel Domingues»

É cópia fiel. Resta repetir a afirmação feita linhas acima:

A Polícia ignorava o paradeiro de Manuel Domingues!

De 4 Voz, de 8 de Agosto de 1952

Aspectos turísticos da Região de Figueiró

Quem viaja, vê,—observa os pequenos pormenores e não é indiferente a belezas de paisagem e aspectos humanos que transcendem a rotina do dia-a-di, pede, uma outra vez, ser obrigados a exteriorizar aquilo que sente.

Em breves palavras, refiro-me a 2 casos que andam ligados ao valor turístico da região de Figueiró:

1.º—Não é de estranhar ter toda a gente reparado naquela Serra, nua de aspecto, pedregosa, produtiva não sei até que ponto, que se avista de longe, — chamada Serra de S. Neutel. Dá nas vistas a quem se dirige a Figueiró, vila de aparência moderna, limpa e arejada vinlo dos lados de Tomar e Pombal. E do lado oposto, não sendo talvez tão desagradável à vista, não deixa, no entanto, de causar certa frieza.

Pregunta-se: A boa vontade, o desejo de fazer mais e melhor, a satisfação de continuar a afirmar que Figueiró e os seus arredores são realmente deslumbrantes, não bastariam para possibilitar a transformação do aspecto daquela Serra?

Pensamos — eu e todos! — naquela Capelinha, no culto pelo Santo, nas lonjuras que se avistam dos seus altos, pequenas aldeias, casais isolados, florestas extensas e ricas. Nas centenas de pessoas que ali vão em romagem, quase todas vindas de longe, chegando mesmo muitas a dormir ali sob o frio da noite!

Pensamos na riqueza da Serra, no aproveitamento de tudo

Convicções...

O caso passa-se em plena demagogia, no rescaldo da intangível, quando o ditador Afonso Costa impunha ao País, num rasgo anti-político, a famigerada lei de separação de que tanto beneficiou espiritualmente a Santa Igreja. Ao aproximarmos-nos de Gouveia, em direcção à Covilhã, o nosso automóvel foi corbeto de flores. Parámos uns momentos para inquirir das razões de tão inesperada e faustosa recepção.

— Suponhamos que pertenciam à comitiva do Senhor Cardeal Patriarcal explicaram-nos.

Esse verdadeiro Cardeal, o Senhor D. António Mendes Belo, fora exilado devido às impositivas formigalistas de então e o povo de Gouveia, sea terra natal, acorrera a recebê-lo, chefiado pelas forças vias do concelho — num alarde de convicções católicas.

No dia seguinte regressávamos

o que ela pode produzir, na valorização dos terrenos dos muitos proprietários que ali vão buscar mato e lenha, madeiras, etc.!

2.º—Sempre que visito Figueiró, qualquer que seja a época do ano, nunca deixo de admirar aquela aldeiazinha, situada em anfiteatro, com as casas brancas no meio dos pinhais, mirando o vale fértil e a ribeira que corre ao fundo. E nesses momentos, ponho-me a imaginar o que não seria essa Aldeia com as suas ruazitas cuidadas, as suas casas mais brancas ainda, com uma Capelinha moderna, no alto, junto à Escola! De noite, vista da estrada em frente, as luzes de petróleo e de azeite dos tempos dos nossos queridos: vós dão-lhe certa graça... E eu imagino ainda o que não seria essa pequena Aldeia, com os seus habitantes sentindo-se mais felizes no seu maior bem-estar e facilidades de vida!

Aldeia de Ana de Aviz é das terras mais favorecidas de encantos da região de Figueiró!

A época em que vivemos é de renovação. O homem vai sempre criando, fazendo mais e melhor. Há o que foi, o que no momento se vive — o futuro! Grandes homens são na verdade aqueles que sabem prever e realizar obras que ultrapassam o velho, o repetido, o já gasto! E nesses o homem comum deposita a sua inteira confiança e com esses colabora lealmente! E fácil de contentar!

M.

mos da Covilhã; e, transposta Gouveia, com surpresa vimos, nos mesmos locais, ao longo da mesma estrada, os mesmos homens, mulheres e crianças, endormingados como na véspera, e dirigidos pelas forças-vivas que se não eram idênticas, eram quase...

— Aguardamos, responderam, a chegada do sr. Dr. Afonso Costa!

Assim mesmo, sem tirar nem pôr...

Primeiro festejou-se a vítima, depois o algoz que vinha repousar uns dias no seu «chale» da Serra da Estrela.

O povo foi sempre assim: —vai para onde o levam. Mas que dizer dos grandes que davam vivas ao «eminente estadista» com os mesmos lábios de Judas que, na véspera, haviam beijado o anel do Prelado?!

As convicções desses plebeus da alta foram absorvidas pelas digestões.

Rosado Fernandes

(De O Debate de 3 de Julho de 1952)